



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo – JOR

Memória do produto

Invasão cultural — A periferia vem à tona

Beatriz Torres de Queiroz

Brasília, dezembro de 2017



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo – JOR

Memória do produto

Invasão cultural — A periferia vem à tona

Memória de produto de Comunicação apresentado à Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob orientação do professor Paulo Roberto Assis Paniago.

Brasília, dezembro de 2017

Agradecimentos

Para começar, agradeço a Deus, que esteve ao meu lado até quando nem eu queria estar comigo mesma, ou com Ele. Que me levantou todos os dias até aqui, me mostrou que as coisas acontecem no tempo d'Ele e não no meu, me possibilitou continuar e foi bom comigo o tempo todo, porque todo o tempo Deus é bom.

Tão logo, preciso agradecer por todo o suporte e todas as dúvidas da minha família. À minha mãe, Fátima, que queria uma filha advogada ou médica; ao meu pai, Laíre, que ainda pergunta se eu escrevi uma matéria sobre política ou economia, sendo que trabalho no caderno de cultura, e sempre disse, e eu cito: “Nunca vi a Beatriz pegar em um livro para estudar”; aos meus irmãos, Gabriela e Vinícius, que sempre responderam “nunca” à pergunta sobre quando eu iria me formar e não perderam as oportunidades de fazer piadinhas.

À vovó Ceci, que sempre espera o dia que vou aparecer no jornal. Aos tios e tias, que estão perto e longe. Aos pequenos Arthur, Diogo, Lucca, Manu e Sophia, por me tirarem toda a paciência, mas também alegrarem meus dias.

Não posso deixar de lado meus amigos, colegas, pessoas que passaram pela minha vida e me ajudaram tanto, mesmo sem saber. (Filipe) Biscoito, que é sempre um dos melhores amigos que eu poderia ter (e precisava, afinal quem mais iria instalar meu *InDesign*?) e me atura há tantos anos. A Veroquinha, que ri de mim, me lembrou que este momento estava mais perto do que longe e conversou comigo sempre que precisei de distrações. A Esthefany, por sempre perguntar se eu estou bem e sobre como estava meu TCC, mesmo que eu só quisesse chorar em vez de responder, por me irritar tanto, mas me entender demais. Lucas, que dividiu comigo esta angústia de tentar formar por todo o 2017 e, olha só, agora a gente vai conseguir.

A pessoa mais positiva desta cidade, também conhecida como Gê, que me mata de saudade de ter alguém me chamando de pentelha, por todos os “até parece”, “ai, Bia” e “show”, por toda a empolgação, por ficar nervosa por mim e sempre, mais que eu, acreditar no meu potencial. Edu, por me ajudar a manter a calma quando eu estive desesperada, fazer as coisas parecerem tão fáceis, ler meus rascunhos e deixar aquela sensação de pôr-do-sol sempre que conversamos. Ronayre, que faz os comentários mais estranhos sobre meu cabelo e diz que eu sou bonita até quando estou despenteada, por sempre dizer que iria dar certo e achar que eu sei mais do que realmente sei.

Ana Fonseca, que me ajudou tanto em todo esse caminho na universidade, é um exemplo de jornalista e a certeza de sucesso. Isa, que sempre foi minha maior fã e um dos

meus motivos de orgulho, por toda vez que me procurou para pedir uma dica ou contar algo engraçado. Tásya, que aparece volta e meia, tirou todas as minhas dúvidas e é um modelo de organização e dedicação.

Gordas, Analú, Dri, Magá, Mari, Pri e Veroquinha, que estão comigo há oito, dez ou 18 anos, por todo esse tempo de amizade, quilos a mais, meu primeiro “eu nunca” e maior parte das fotos estranhas e tão cheias de amor que guardo. As terríveis Alice, Karla e Luísa, pelos dias de estágio, pelas conversas loucas, pela parceria e até pela saudade que despertam em mim. Minha comunidade, que me ouviu, deixou chorar no desespero e rezou por mim.

À equipe da editoria de cultura do Correio Braziliense, por todas as oportunidades, aprendizados, lágrimas, sorrisos, notas sem sentido, matérias de página inteira, caiu-o-vale-já-pode-comprar-catuaba, broncas, elogios, por todo o carinho. À Mídia e Conexão, pela primeira oportunidade de estágio e por acreditarem no meu potencial. À Facto, que foi de um sonho a uma experiência marcante, e me trouxe pessoas das quais eu vou sempre lembrar e oportunidades que ajudaram na minha formação. A Gabi Alcuri, Monique e Max, que acreditaram em mim ainda na época da escola e me inspiraram tanto.

Paulo Paniago, ao qual nem sei o que falar, mas preciso dizer: obrigada. Por todas as vezes que me ouviu enquanto eu chorava mais do que falava, pelas caretas ao ler meu texto, por todos os “já” excluídos, artigos cortados e aulas sobre arquétipos, reportagem, título e importância dos detalhes. Por todas as vezes que me disse, da forma mais calma e amena, que faltava algo no meu texto para que eu entendesse que estava um lixo. Pelo “o que aconteceu”, que me fez esperar uma bronca, mas terminou com “que seu texto ficou tão bom”. Pela paciência, mais que tudo. Obrigada por ter acreditado que eu conseguiria e ter me impulsionado ao melhor resultado.

Obrigada ao Luiz Claudio e ao Zanei, que aceitaram o convite de uma estudante totalmente estranha e agora fazem parte da minha formação. Obrigada à Márcia Marques, que não pode fazer parte da banca oficial por ser tão concorrida, mas me deu conselhos e se ofereceu para a suplência.

André, Lucas Ladeira, Lucas Pinheiro e Rafinha, que tiveram tanta paciência comigo e me deram as informações que construíram este trabalho. Mariana, Spot, Natália, que responderam minhas perguntas e me ajudaram a tornar meu texto mais humano.

Tantas pessoas encontrei pela UnB e não poderia deixá-las de lado agora. Rogério, que segurou minha mão quando eu chorei na secretaria, me deu conselhos e me ajudou tanto. Seu Isaías, que me deu bom dia, conversou comigo e deu até algumas broncas. Edson, que sempre

sorriu e me acalmou no SAA. Júnior, que deixou a técnica há alguns anos, mas sempre me ajudou tanto nas aulas de rádio.

Por fim, um ano e meio de tentativas e erros e desesperos e risos de nervoso depois. Um ano e meio de drama. Um ano e meio de “eu não vou formar nunca”. Um ano e meio de novas oportunidades. Um ano e meio de “sai dessa faculdade mais não?” Um ano e meio de tantas emoções, tantas sensações, tantas pessoas, tantas... palavras. Obrigada, Universidade de Brasília, por esse tempo em que estivemos juntas.

É som de preto

De favelado

Mas quando toca ninguém fica parado

Amilcka e Chocolate, Som de preto

Eu só quero é ser feliz

Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Cidinho e Doca, Rap da felicidade

Resumo

Esta memória tem por objetivo explicar o processo de produção da reportagem *Invasão cultural — A periferia vem à tona*. Com os olhos voltados para a cultura da Ceilândia, o trabalho vai discutir o papel dos coletivos culturais neste cenário por meio das histórias de quatro deles: 924, Cei My Name, Movimento Underground de Brasília e MoverMents. As narrativas se mesclam e aparecem em subtítulos que explicam o funcionamento dos mesmos, as atividades desenvolvidas, os custos e lucros, e revelam novas opções de entretenimento e lazer na maior cidade do Distrito Federal em termos de população.

Palavras-chave: coletivos culturais, Ceilândia, cultura, periferia

Índice

1. Apresentação	9
2. Justificativa	10
3. Objetivos	11
4. Metodologia	11
5. Referencial teórico	14
5.1 Reportagem e entrevista	15
5.2 Periferias no Distrito Federal	16
5.3 Cultura e entretenimento	16
5.4 Coletivos culturais	17
6. Considerações finais	18
7. Referências bibliográficas	21

1. Apresentação

A cultura é apresentada na escola como o conjunto de costumes e comportamentos de um povo e, dentro dessa definição, é possível explorar diferentes áreas, como gastronomia, tradições populares e atitudes comuns a determinada época. São esses hábitos que caracterizam grupos sociais e marcam as impressões que as pessoas têm deles.

Entre os diversos conceitos do que é cultura, existem as manifestações artísticas, que tomam formas diferentes dentro do mesmo grupo social com base na idade, grau de estudo e classificação econômica. As manifestações artísticas — como teatro, música e artes visuais — estão diretamente ligadas ao entretenimento no Brasil. Mas é possível encontrar diversão em qualquer lugar do país?

A resposta a esta questão é relativa de acordo com o que cada um considera divertimento. Contudo, quando peças, shows, exposições, festas, e mais, são assumidas como opções de descontração, algumas localidades apresentam poucas alternativas, principalmente quando se consideram as periferias do Distrito Federal.

Dentro dessas localidades, a população costuma ter referências da cultura hip hop — black power, rap e grafite — que nasceu dentro dos guetos estadunidenses, dos grandes centros urbanos e de outras regiões com a mesma realidade. Assim, essa parte da população cria a própria forma de se expressar e passa a buscar programas com os quais se identifiquem.

Na busca por promover a cultura das periferias e, assim, levar benefícios a essas regiões, surgiram grupos intitulados coletivos culturais. Formados por pessoas, em maioria jovens, vindos de regiões mais pobres, eles desenvolvem atividades para oferecer opções de lazer aos moradores locais.

Com base nisso, a reportagem *Invasão cultural — A periferia vem à tona* analisa coletivos culturais da cidade mais populosa do Distrito Federal (DF), a Ceilândia. Com cerca de 583 mil moradores (Pdad, 2015), ela aparece como um lugar em que existiam poucas opções de diversão, ao menos é o que diz a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Pdad) de 2015. Segundo o levantamento, 96% dos moradores acredita que não existem espaços culturais na Ceilândia. Hoje o cenário muda e o movimento é crescente nesta área, principalmente entre os jovens.

A variedade de eventos produzidos na região, ou por pessoas de lá, e a quantidade de público que ela atrai são determinantes para mostrar que existe uma movimentação. Enquanto alguns projetos estão ainda nos primeiros passos, outros já são consolidados dentro das comunidades.

Assim, a reportagem conta a história do nascimento de quatro coletivos culturais: 924, Cei My Name, Movimento Underground de Brasília e MoverMents; apresenta atividades desenvolvidas e analisa o funcionamento dos mesmos. Subdividido em sete intertítulos, o texto traz dados, relatos e colocações a respeito do assunto para narrar algo ainda desconhecido pela população do DF.

2. Justificativa

Um dos meus objetivos com o trabalho de conclusão do curso era discutir um tema inédito para que as pessoas pudessem voltar os olhos para o assunto também. Falar sobre coletivos culturais foi, de início, uma ideia que surgiu de forma despreziosa, e alcançou este propósito.

O tema “coletivos culturais” possui poucas referências teóricas disponíveis — tanto online, quanto nos bancos de pesquisa, como o repositório e a biblioteca de monografias da UnB —, o que torna o trabalho desenvolvido mais importante quando se analisa o lado acadêmico. Além disso, descentralizar os olhos da Universidade de Brasília para a Ceilândia mostra de onde vêm os alunos e muitos servidores que constroem o local diariamente.

A decisão por escrever uma reportagem une os detalhes do perfil com a novidade da notícia, mas com maior profundidade. Quando se toma a definição de Cíntia Charlene da Silva e Glória Maria de Oliveira Baltazar (2013) do que é uma reportagem, o gênero aparece como uma escolha adequada para expor informações e discutir o tema com espaço suficiente, visto que o mesmo é ilimitado. As autoras dizem que:

Trata-se de outro gênero textual diferente da notícia, que trabalha com matérias que exigem a abordagem de assuntos mais complexos e que, conseqüentemente, necessitam de maior tempo de apuração, maior tempo para divulgação e até um texto em que é possível ousar mais, havendo a possibilidade de se livrar das amarras da pirâmide invertida. É uma atividade que exige, além de tudo, dedicação, investimento e paciência. (BALTAZAR; SILVA, 2013, p. 21)

As possibilidades que a reportagem abarca, indo além do imediatismo da notícia e com a abertura para detalhes e críticas, ajuda na execução de um trabalho acadêmico, visto que o mesmo exige maior aprofundamento no tema discutido. É preciso concordar com as pesquisadoras quando se fala em dedicação e paciência, pois a riqueza de informações apresentadas precisa ser apurada com cuidado e revista para encontrar os principais pontos de relevância.

Quando se fala em produção jornalística, o termo apuração está sempre presente. Para se ter uma quantidade de subsídios suficiente para o primeiro esboço é necessário, antes de

tudo, criar uma relação de confiança com a fonte. A estrutura da reportagem exige detalhes que passam despercebidos no jornalismo diário e precisam estar presentes nesse tipo de texto.

As minúcias que a reportagem permite são também comuns ao jornalismo literário, estilo por onde o gênero passeia. É importante entender que mesmo com as liberdades permitidas pela literatura, o jornalismo literário possui princípios que precisam ser levados em conta como a veracidade, a busca pelo factual e a fidedignidade do relato, como aponta o professor e pesquisador Paulo Paniago (2008):

Jornalismo literário é antes uma abordagem: sabe que o substantivo da expressão é jornalismo, e, portanto, uma série de princípios precisa ser resguardada, entre eles a veracidade, a busca pelo factual, a fidedignidade do relato. O que existe de literatura é a utilização de uma série de técnicas para fazer relatos há muito desenvolvidas por esse campo do conhecimento. Sempre resguardado o princípio de que, em se tratando de jornalismo, não se vai dar asas à imaginação nem se vai permitir falsear, ou ficcionalizar, o que quer que se tenha escolhido como tema. (PANIAGO, 2008, p. 36)

Voltar a análise para uma das periferias do DF também faz com que outras pessoas prestem atenção a este lugar, e que os próprios moradores passem a se identificar com os atrativos locais. Mais que os pratos da feira central e números sobre violência, a cidade em que nasci e cresci tem economia local forte, população trabalhadora e importantes marcos turísticos, como a Casa do Cantador. E é necessário mostrar aos moradores que, assim como outras cidades do país, a Ceilândia também pulsa cultura.

3. Objetivos

O principal objetivo desta reportagem é apresentar o que são coletivos culturais por meio da história e atuação de quatro grupos da Ceilândia: 924, Cei My Name, Movimento Underground de Brasília e MoverMents. Com base nas atividades desenvolvidas por estes coletivos, a reportagem visa apresentar a cidade periférica e as opções de lazer e cultura promovidas por estes coletivos para os moradores do local.

4. Metodologia

Quando comecei a pensar meu tema de projeto no 1/2016 eu tinha duas certezas: queria fazer um produto e o mesmo deveria ser algo inovador, diferente de tudo que tinha sido apresentado. A princípio a ideia era fazer uma análise do que era ensinado na Faculdade de Comunicação da UnB, mas na mesma época foi aprovado um novo currículo que preenchia algumas lacunas presentes nas formações anteriores. Daí passei a uma nova ideia, que era bem melhor, e me propus a contar a história do Sol Nascente, a segunda maior favela da América Latina e, supostamente, a maior do Brasil.

Meu pré-projeto apresentava um dossiê com perfis sobre o local e os moradores, de forma a narrar os acontecimentos no local desde o início até os dias de hoje. A empolgação em unir o jornalismo literário, pelo qual sempre tive um carinho especial, e falar de um assunto sobre o qual existiam poucos detalhes não foi suficiente para executar a proposta. Após um semestre e poucas tentativas pensei na ideia deste trabalho e desisti do tema que ainda considero excelente.

A proposta para este projeto surgiu em uma reunião de pauta no jornal em que faço estágio, o *Correio Braziliense*. O conhecimento sobre coletivos que promoviam eventos na Ceilândia começou com um convite para um evento por meio do Facebook no início de 2016, o Cei My Name. Não fui ao festival, mas outros projetos feitos pelo mesmo grupo de pessoas chegavam até mim por conhecer alguns integrantes do mesmo e isso despertou o interesse de pesquisar a existência de outros coletivos.

Após encontrar outros projetos do mesmo estilo, pensei em propor ao meu editor uma pauta com a história dos coletivos e também falar sobre eventos que os mesmos faziam na cidade na época. Mas refleti sobre a ideia e pensei que ela poderia se tornar um material mais profundo, intenso e resolvi guardar essa pauta para o meu TCC, que na época era para ser o dossiê.

Como existia um projeto anterior em andamento com o orientador Paulo Paniago, levantei uma lista com seis coletivos culturais originais da Ceilândia, Taguatinga e Samambaia e escrevi um novo projeto do que seria o trabalho. Acordado um novo tema, entrei em contato com os grupos a partir de março de 2017 e fiz um roteiro de entrevista.

A lista continha perguntas básicas sobre os grupos e os entrevistados, como: qual seu nome completo? Quantos anos você tem? Qual sua função no coletivo? Quando o coletivo foi criado? Por que resolveram criar o coletivo? Quais atividades fixas vocês desenvolvem? O que é cultura para você? Você acredita que existem opções de cultura e entretenimento na cidade em que você mora?

As perguntas eram feitas de acordo com as respostas dadas pelas fontes, com adição de questões mais simples ou mais complexas que ajudassem a entender o contexto de cada coletivo. Com base nas respostas foram construídas questões direcionadas a cada entrevistado, de forma que o assunto discutido pudesse ser mais aprofundado.

A primeira conversa foi com um representante do então NoizQCeí, da qual saíram nomes de outros três grupos. O segundo contato de sucesso foi com o Movimento Underground de Brasília (MUB), sucedido pelo MoverMents. Na época, entrei em contato

com outros dois grupos, um deles não deu retorno e o outro, coletivo Morro, tinha horários disponíveis que não compatibilizavam com a minha agenda.

Uma das tentativas foi conversar antes de uma das festas que o Morro organizou em parceria com o atual Cei My Name. O evento era no Plano Piloto, às 22h, e como moro na Ceilândia e não dirijo, seria complicado ir até o local e voltar durante a noite, mas como alguns amigos iriam para o evento, considerei ir antes e voltar com eles quando acabasse. Contudo, no horário que seria ideal para a entrevista, cerca de três horas antes do evento começar (22h), o representante do Morro não estava no local ainda e chegou por volta das 21h. Depois disso, não encontramos horários compatíveis.

Com o material recolhido e as dificuldades apresentadas, defini junto ao orientador focar o trabalho apenas na Ceilândia. Os três citados anteriormente estavam na lista inicial, e o quarto foi inserido após uma conversa com um colega da época da escola. Desenvolver o trabalho apenas sobre coletivos da cidade em que nasci e moro há 23 anos fez com que eu enxergasse o que estava sendo desenvolvido ali, tivesse orgulho e interesse em mostrar para os outros também.

Como citado anteriormente, um dos coletivos eu já tinha contato, o Cei my name; outro foi conhecido após uma conversa com um antigo colega, o 924; e os outros dois, MoverMents e MUB, foram selecionados por meio de pesquisa. A disponibilidade dos representantes dos grupos para responder às entrevistas também foi decisiva para a escolha, visto que eram necessários alguns encontros para realização do projeto de pesquisa.

Foram feitas entrevistas presenciais com um representante de cada coletivo de acordo com a disponibilidade dos grupos, sendo que alguns tiveram menos encontros e outros mais. A variação vai de um a cinco reuniões presenciais. Todos responderam também perguntas via internet, sendo que dois grupos tinham preferência por perguntas por e-mail e os outros pelo aplicativo WhatsApp.

Os encontros presenciais também variaram de locais de acordo com a escolha dos entrevistados. Lucas Pinheiro, do MUB, me recebeu na casa dele, na Casa Cultural 7 da Norte e no Moquifo, local em que também conversei com André Duarte, do Cei My Name. Mas o primeiro contato com André foi num restaurante e bar do P Sul, o Maria Maria. Rafinha Bravo, do MoverMents, também optou pelo bar, no caso o da 102 Sul. Lucas Ladeira, do 924, tinha muitos horários livres, mas costumava estar sempre na Universidade de Brasília, onde optamos por conversar. Todas as entrevistas feitas pessoalmente foram gravadas e registradas por meio de anotações no que hoje somam três blocos, não usados integralmente.

Além dos coletivos, foram feitas entrevistas com três personagens: Marina Melo, Daniel Spot e Nathalia Tavolieri. Os dois primeiros responderam às perguntas pelo WhatsApp, ela por mensagens escritas e ele por meio de áudios, enquanto a última foi contatada por e-mail. Também entrei em contato com um professor de antropologia para falar a respeito do tema, mas não consegui marcar entrevista com o mesmo — que preferiu o encontro pessoalmente e dispensou a entrevista por e-mail — e após algumas tentativas não obtive mais retorno. Outras possíveis fontes foram contatadas ao decorrer da elaboração do projeto, mas foram descartadas com base na forma que o texto tomou.

Também foi analisada uma reportagem feita pelo *Profissão Repórter* que foi ao ar em outubro de 2017 e discutia as opções de lazer em três periferias do Brasil, sendo que uma das escolhidas foi a Ceilândia. O programa jornalístico liderado pelo jornalista Caco Barcellos começou em 2006 e mostra os bastidores da produção de uma notícia com ajuda de jovens repórteres vão às ruas mostrar um fato por diferentes ângulos. Documentos e pesquisas feitas por órgãos governamentais, como a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios e o Diário Oficial também foram analisados.

Foram feitas apenas duas observações de eventos por dificuldade de agenda, mas o ideal teria sido ir ao menos uma vez em cada um deles. Dessa forma teria sido possível trazer a presença de outros personagens e talvez mostrar com outra voz o impacto nas atividades na comunidade local. Também seria ideal instigar algumas respostas mais detalhadas e prestações de contas dos grupos, mas os representantes são evasivos em alguns momentos e mantêm o direito de não dar detalhes sobre tudo.

Além do contato com os coletivos e os entrevistados, foi feita uma pesquisa online que obteve 50 respostas. Participaram da pesquisa pessoas entre 18 e 40 anos, de diferentes cidades do Distrito Federal, às quais responderam questões sobre conceito de coletivos culturais e existência de opções de lazer e cultura nos locais em que moram. A proposta da pesquisa era descobrir se as pessoas sabiam o que eram coletivos culturais, colher informações sobre os eventos realizados da cidade, e listar o maior número possível de coletivos culturais.

5. Referencial teórico

Para melhor compreensão dos termos utilizados no trabalho, é importante estabelecer conceitos relacionados ao lado jornalístico, tais como reportagem e entrevista. Dessa forma o leitor estará mais próximo do formato utilizado para falar sobre o assunto, e também vai

entender as escolhas e relevância dos dados apresentados no produto resultante desta pesquisa.

Para melhor entendimento do contexto em que o trabalho foi construído, a concepção de periferias e a localização das mesmas dentro do DF também são relevantes. A conceituação do que de cultura e de entretenimento, bem como a relação entre os termos e a palavra diversão, ajudam a contextualizar o cenário de base para a história. Por fim, o conceito de coletivos culturais aparece para enfatizar o assunto discutido e mostrar a relação entre ele e o que foi apresentado anteriormente, de maneira que a relevância dos termos para o resultado final fique clara ao leitor.

5.1 Reportagem e entrevista

Também conhecida como notícia ampliada, a reportagem consiste em um texto mais aprofundado em que o repórter recolhe e divulga mais informações. No *Manual do foca*, Thaís Mendonça Jorge afirma que a “reportagem é informação, notícia; situa-se na área do jornalismo informativo. É o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista ou um corpo de profissionais do jornal” (JORGE, 2008, p. 70).

No mesmo livro a autora classifica a entrevista como “uma técnica de diálogo com regras unilaterais: um dos lados faz as perguntas e o outro tem apenas o direito de respondê-las” (JORGE, 2008, p. 114). Mesmo que a busca por informações seja algo profissional é necessário criar laços com a fonte, de forma que ela passe a confiar no entrevistador e se sinta mais à vontade para contar detalhes.

Para a apuração da reportagem foram feitas entrevistas semi-estruturadas, ou seja, aquelas que possuem um roteiro base e sofrem alterações de acordo com os objetivos do repórter e as respostas recebidas. Além disso, ela dá mais espaço para que entrevistado possa falar, segundo a definição de Valdete Boni e Silvia Jurema Quaresma em *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais* (2005):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75)

O espaço que as entrevistas deste tipo dão ao entrevistado são importantes para criar as relações de confiança citadas na justificativa. Para que o jornalista possa construir um texto detalhado e informativo, é necessário que a fonte o dê desde as informações que a mesma considere mais relevantes até aquelas que parecem mais simples.

5.2 Periferias no Distrito Federal

Diferente dos estados do Brasil que são divididos em municípios, o Distrito Federal possui Regiões Administrativas (RAs), ou seja, subdivisões do território que facilitam a administração. Popularmente as RAs são conhecidas como cidades-satélites, mas uso do termo em documentos do governo foi proibido pelo decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 1998. Mesmo com a proibição o termo foi popularizado no ensino e pela mídia, o que fez com que os moradores assumissem a definição como referência.

Dentre as 31 RAs está o Plano Piloto, que é considerado a região central do DF e é onde fica Brasília e os principais órgãos do poder, como o Congresso Nacional e os Ministérios. As outras 30 regiões possuem características diferentes e as mais afastadas e com moradores de poder aquisitivo menor são consideradas periferias. Além da pobreza, a violência e falta de escolaridade também estão ligadas ao conceito, como cita Ana Caroline do Bú Farias em “*A Ceilândia de ontem e a Ceilândia de hoje*” — *Análise sobre o preconceito com relação à origem de lugar* (2014, p. 26).

Cidades como Ceilândia, Samambaia e Santa Maria se enquadram na definição que também apresenta a relação com o centro. Para se ter uma periferia é necessário que exista uma região central, de forma que as áreas mais afastadas apareçam como parte da metropolização dessas localidades e continuem tendo fundamentos econômicos, políticos e sociais. Segundo o professor Manoel Lemes da Silva, em entrevista à publicação *Ciência e Cultura* (2005), “não dá para pensar em periferia sem pensar em centro. É um par dialético que faz parte dos fundamentos da teoria do desenvolvimento econômico”.

5.3 Cultura e entretenimento

A cultura é apontada como um padrão de comportamentos de determinada sociedade, o qual inclui crenças, conhecimentos e costumes que os diferem de outros grupos. Quando se pensa de forma mais profunda sobre o conceito, também é possível ligar a palavra exclusivamente a manifestações artísticas, mas que continuam a caracterizar determinadas pessoas.

Ao analisar a cultura por este último ângulo é necessário analisar o conceito de entretenimento e diversão. As duas palavras são, muitas vezes, colocadas como sinônimos, mas existem algumas peculiaridades que as diferenciam. A diversão é essencialmente uma mudança de direção que permite o desvio de algo ruim, assim cada pessoa pode ter uma análise própria do que é “se divertir”. Enquanto alguns se sentem relaxados ao ler o livro e consideram este um momento de lazer, outros preferem atividades mais agitadas, como festas.

Diferente disso, o entretenimento é uma atividade que, embora relaxe, é feita por puro prazer. Segundo Fabia Angélica Dejavite (2006 apud ALENCAR, 2016, p. 15), “o entretenimento pode ser analisado de diversas maneiras nas mais variadas áreas de conhecimento. Ele pode ser entendido como um instrumento de manipulação e alienação, em prol de determinadas ideologias, e de outro, os que tomam sob um prisma utilitarista, considerando-o como algo que possa contribuir para o desenvolvimento do indivíduo”.

Ou seja, enquanto na diversão é possível aliar o ganho, seja de conhecimento ao ler um livro, ou de saúde, com atividades físicas; não é necessário que a pessoa tenha ganho quando se trata de entretenimento. Assim, conclui-se que existe diversão nas práticas de entretenimento, mas não necessariamente o contrário.

5.4 Coletivos culturais

Os coletivos culturais estão presentes em diversas cidades latino-americanas, embora o conceito do que são os mesmos não seja muito conhecido, assim como o trabalho desenvolvido por estes grupos. Em *Coletivos culturais na cidade de São Paulo: “Ação cultural como ação política”*, Aluizio Marino propõe que:

Coletivo cultural é um movimento independente e desierarquizado, formado por um grupo de pessoas, na maioria das vezes jovens oriundos de territórios subalternos, unidas por interesses comuns, e que desenvolvem ações de ‘cultura de oposição’ — recorte mais preciso de cultura popular, entendida como a pluralidade de expressões autênticas do povo — desde as tradições até as manifestações urbanas. (MARINO, 2013, p.11)

O fato de que os integrantes sejam de territórios subalternos, como indica o autor, garante a importância da relação entre eles e o lugar. Além de buscar mudança e melhorias para o local de origem, os grupos se sentem livres para ocupar o espaço público, com o qual eles já têm certa identificação. Em *Coletivos, redes e ruas: uma realidade latino-americana*, Marino destaca que a relação entre os indivíduos e o território é evidente. “Existe uma efervescência de ações que buscam transformar o espaço público, ao estimular a apropriação e o sentido de ‘direito à cidade’” (MARINO, 2014).

Aluizio Marino também enfatiza a importância política e potencial desses grupos. “[...] Tratam-se de um ator social muito importante na garantia de uma sociedade mais justa. Suas ações culturais são também políticas, e podem contribuir com o desenvolvimento de uma nova governança, pautada por uma perspectiva de ‘baixo para cima’”. Ele enfatiza também que a contribuição dos grupos vai além do cunho cultural, visto que podem contribuir de forma política e social.

Isso é visto na prática quando os grupos vão além da promoção de eventos e também realizam atividades para a comunidade em que estão inseridos. Exemplo disso são as oficinas oferecidas pelo MoverMents e MUB em colégios. Nesses momentos os alunos têm acesso à história por trás do break, do grafite, da periferia e do movimento negro, de forma que elas passam a ter conhecimento para formar opinião própria e debater esses assuntos.

Existem também alguns coletivos que desenvolvem trabalho na área cultural, mas não estão necessariamente ligados ao movimento que reflete a cultura das periferias. Exemplos disso são os grupos de teatro e DJs, os quais realizam eventos em Brasília sem recorte específico para uma comunidade.

Para este trabalho, grupos como esse são considerados coletivos, mas não coletivos culturais. Isto porque foi estabelecido como conceito a ideia de que coletivos culturais são grupos de pessoas, geralmente moradores de periferias, que desenvolvem atividades relacionadas a cultura em busca de promover diversão, entretenimento e também melhorias para a comunidade em que surgiram.

6. Considerações finais

A ideia de que não existem opções de lazer para o público jovem na Ceilândia está ultrapassada. É notável o crescimento do número de eventos que promovem cultura e permitem que os moradores se divirtam dentro da cidade e não precisem ir até o centro em busca de lazer.

Um ponto interessante a ser analisado é a diversidade do que é promovido. A mistura entre música e literatura, como é o caso do Sarau-VA; o resgate do samba de raiz feito pelo Samba na Comunidade; as festas realizadas na Casa Cultural 7 da Norte e no Moquifo; os festivais de música do Cei My Name; todos são opções que misturam as origens da periferia aos diferentes tipos de cultura.

Embora a maior parte pareça voltada para jovens de 18 a 25 anos, os jovens adultos — que incluem pessoas de até 40 anos — também fazem parte do público desses eventos. A

proposta não é segmentar, mas incluir, de forma que os moradores se sintam à vontade para desfrutar dos eventos realizados, desde os saraus até as festas.

Outra consideração importante é a preocupação dos coletivos em proporcionar oportunidades para pessoas com menos condições e acesso. As oficinas promovidas nos espaços e escolas públicas dão oportunidade para moradores que, mesmo com a globalização e difusão cada vez maior das informações, não têm conhecimento sobre algumas oportunidades. E dessas chances podem surgir novos projetos, como foi o caso do MoverMents, que nasceu a partir da vontade de Rafinha Bravoz de dar continuidade aos trabalhos sociais dos quais fez parte na infância.

É preciso enfatizar também a falta de informações sobre os coletivos culturais. Os grupos têm muito a oferecer, mas ainda estão à margem dos olhos da academia e dos jornalistas. Existem poucas pesquisas sobre estes grupos e a mídia se apega aos eventos promovidos e não busca camadas mais profundas.

A sociedade também não sabe identificar quem são esses grupos. Em uma pesquisa realizada com 56 pessoas, cinco ignoraram a pergunta sobre quais coletivos culturais elas conheciam e outras seis apontaram não saber o que era isso. Dentre as tentativas, 17 pessoas ligaram o termo a opções de lazer, como teatro e música, ou manifestações de cultura, como a capoeira.

Mesmo com uma amostra pequena, a pesquisa deixa claro a falta de conhecimento da população a respeito disso. Com respostas de pessoas ligadas à cultura, moradores da Ceilândia e outras regiões administrativas do DF, e estudantes de diferentes áreas, é possível ter uma amostra de que as informações sobre o assunto estão restritas apenas a pessoas que têm algum contato com iniciativas relacionadas.

Embora exista grande potencial de fomentar a cultura da Ceilândia, empoderar os artistas locais e propor mudanças nos hábitos de lazer dos jovens adultos dessa periferia, os coletivos culturais aparecem tímidos quando se fala em cultura. As principais produtoras de Brasília e os grandes eventos ainda aparecem como principais formas de diversão, mas as pequenas festas ganham espaços aos poucos e mostram públicos cativos a cada edição.

O mesmo acontece com os eventos promovidos pelos coletivos, sendo que alguns já possuem frequentadores, como o Sarau-VA, e outros conquistam novas pessoas a cada tentativa, como o Moquifo. É importante ver que a mudança está ocorrendo e abrir espaço para essas novas opções de diversão, dando mais valor aos eventos realizados na periferia e desmistificando o estereótipo de violência, insegurança e falta de opções.

Também é necessário ampliar a visão sobre esse campo. Existem muitos coletivos que promovem cultura em suas mais diversas formas espalhados pela cidade. Muitos deles não são conhecidos nem pela população da cidade em que trabalham, enquanto outros não conseguem realizar as atividades, seja por falta de apoio ou verba. Dentro deste campo ainda há muito a ser explorado, de forma construir um mapa da atuação desses grupos por todo DF, e, em plano maior, Brasil — com base nas pesquisas feitas, existem coletivos atuantes em alguns outros estados.

7. Referências bibliográficas

ALENCAR, Thaissa Do Valle Leone. **Editorias de cultura e entretenimento: produção jornalística online do Correio Braziliense e do Metrôpoles**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15660/1/2016_ThaissaDoValleLeoneAlencar_tcc.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira, SILVA, Cíntia Charlene da. **A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria**. Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Monografia-A-grande-Reportagem.docx>. Acesso em: 12 de nov. 2017

BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistas: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, v. 2, n 1 (3), p. 68-80, 2005.

BRASÍLIA, Governo de. (CODEPLAN), Companhia de planejamento do Distrito Federal. **Pesquisa distrital por amostra em domicílios**. Distrito Federal, 2015. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/Apresentacao_PDAD_Ceilandia_2015.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FARIAS, Ana Caroline do Bú. **“A Ceilândia de ontem e a Ceilândia de hoje” — Análise sobre o preconceito com relação à origem de lugar**. Brasília, 2014. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13258/1/2014_AnaCarolinedoBúFarias.pdf. Acesso em: 12 nov. 2017.

FURQUIM, Gabriella. **Maior favela da América Latina: Sol nascente toma posto da Rocinha**. **Correio Braziliense**. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml>. Acesso em: 22/06/2016.

JORGE, Thaís Mendonça. **Manual do foca: Guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <http://lupa.wdfiles.com/local—files/dicas/manual_do_foca.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

MARINO, Aluízio. **Coletivos culturais na cidade de São Paulo: “Ação cultural como ação política”**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/640-1790-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MARINO, Aluízio. **Coletivos, redes e ruas: uma realidade latino-americana**. 2014. Disponível em: <<http://nobrasil.co/coletivos-redes-e-ruas-uma-realidade-latino-americana/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PALLONE SIMONE. **Diferenciando subúrbio de periferia. Ciência e Cultura**. Jornal científico da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200006>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior – o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Brasília: UnB, 2008.